

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

21



Ἰσοπέδιον ἔστω τοῖς ποσσίν· ἵνα ἴσῃς ἅπαντα
καὶ ἴσῃς ἅπαντα καὶ ἴσῃς ἅπαντα καὶ ἴσῃς ἅπαντα
MHNIN AEIDΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

femininas são discutidas as convergências entre a divindade egípcia Hathor e as deusas siro-palestinianas Anat, Astarte e Qedeshet. Por fim e a concluir o capítulo um ponto para analisar as relações entre divindades relacionadas com os círculos de fertilidade, como sejam Qedeshet, Rechef e Min na «Estela da Tríade» (pp. 154-167).

O sexto e último capítulo a encerrar a obra, a conclusão expõe uma sucinta reflexão sobre o acervo estudado à luz da teoria que defende e que serve de ponto de partida para o estudo - «teoria da adaptação translativa» bem como de outra teoria - de relação tributária - referenciada e estudada por Trigger (pp. 169-170).

No cômputo geral é uma obra de grande utilidade para o estudo das divindades siro-palestinianas no Egipto do Império Novo, com um excelente acervo informativo, bem compilado e definido que resume de força eficiente e prática as evidências materiais de diversas naturezas e origens sobre a temática que se propõe tratar, no Império Novo, apoiada por uma extensa bibliografia.

Equilibrada, clara e concisa esta obra é um precioso manual de consulta e um bom ponto de partida para todos os investigadores que pretendam desenvolver pesquisas nesta área de estudos.

Alexandra Diez de Oliveira

G. R. BOYS-STONES, J. H. HAUBOLD (eds.), *Plato and Hesiod*, Oxford-New York: Oxford University Press, 2010, ix+362 pp. ISBN: 9780199236343

O presente volume teve origem na *Plato and Hesiod Conference*, organizada pelo Collingwood College do Department of Classics and Ancient History da Universidade de Durham, ocorrida nos dias 25, 26 e 27 de Julho de 2006. Os editores do volume, eles próprios autores de textos então apresentados na referida conferência e agora editados no actual volume, pretendem abrir perspectivas sobre a presença de Hesíodo na obra platónica. A escolha de Hesíodo, além de estar naturalmente justificada pelo facto de se tratar do «segundo poeta» helénico, assim classificado pelos Autores, fundamenta-se no questionamento da tradição da leitura de Platão como uma outra via em relação à tradição didáctica hesiódica. *Lato sensu*, o objectivo do presente volume pretende «alargar o conhecimento da recepção de Hesíodo no período compreendido entre a consolidação do cânone arcaico e o advento da poesia helenística» (p. 2).

O texto de Friedrich Solmsen intitulado «Hesiodic Motifs in Plato», publicado, em 1962, na colecção *Entretiens sur L'Antiquité Classique* (tome VII), pela Fondation Hardt, no volume colectivo *Hésiode et son Influence*, serviu de ponto de partida para várias investigações levadas a cabo na *Plato and Hesiod Conference*, sendo mesmo qualificado como «a última tentativa de investigar a relação entre Platão e Hesíodo numa forma sistemática» (p. 2). A ligação da relação de Hesíodo com Platão a contextos mais latos e a recepção de Hesíodo na Atenas do período clássico, para além de Platão, são dois aspectos exemplares que os editores do presente volume não encontraram tratados no referido artigo de Friedrich Solmsen. De facto, contrariamente ao presente volume, a própria dimensão e natureza do texto deste autor não o permitia fazer. Além disso, quando Friedrich Solmsen escreveu, os estudos de recepção ainda não tinham sido constituídos como subdisciplina dos Estudos Clássicos, o que viria a acontecer apenas cerca de vinte anos mais tarde.

Platão relacionou-se com Hesíodo de forma um tanto controversa, pois se criticou severamente o poeta de Ascra (*e. g. R.*, 377d, 378a), também reconheceu algum valor de verdade nos seus poemas (*e. g. R.*, 466c, 468e). Além disso, boa parte da cosmogonia do *Timeu* pode ser relacionada com a *Teogonia*, assim como alguns fundamentos da concepção platónica de justiça se podem encontrar em *Trabalhos e Dias*. Aliás, neste aspecto, a relação de Platão com Hesíodo não é muito diferente da que teve com Homero, o qual foi banido do Estado ideal platónico mas continuou a estar na base do ensino filosófico de Platão. Com estes fundamentos, os organizadores do presente livro pretenderam dar resposta a perguntas como «quem, do ponto de vista de Platão, era Hesíodo e como o colocou na sua própria história do pensamento? Onde e para que efeito Platão julga útil invocar Hesíodo? E trata os textos hesiódicos distintamente? E a sua atitude muda de um diálogo para outro?» (p. 4). Estas questões estruturaram os trabalhos decorridos na *Plato and Hesiod Conference* de 2006.

Os textos publicados estão agrupados em duas partes, a primeira intitulada «Plato and Hesiod» e a segunda «Individual Dialogues». Na base desta distinção está a natureza das abordagens ao tema: a primeira parte privilegia a análise das relações entre Platão e Hesíodo de forma mais genérica, a segunda centra-se em momentos específicos da produção platónica e hesiódica. O primeiro texto, de Johannes Haubold, relativo à «própria recepção de Hesíodo», argumenta que as obras hesiódicas constituem uma trajectória assimilável à categoria de *Bildungsroman*, o que, conformando um caminho que leva do mito à razão, terá sido

bastante significativa para um leitor da Atenas do tempo de Platão. No texto seguinte, George Boys-Stones analisa o lugar que Platão destinou a Hesíodo na história intelectual do seu tempo. Reconhecendo que Platão e Hesíodo partilham interesses e métodos epistemológicos, G. Boys-Stones conclui que Platão, ao invés de olhar para a sua própria obra como ponto de chegada da investigação filosófica dos anteriores pensadores helênicos, elabora uma representação de cada um deles de acordo com a sua negativa conotação da erística, alinhando Hesíodo com os Sofistas. Porém, a própria linguagem erótica que subjaz à dialéctica platónica é vista por Boys-Stones como uma transformação da erística hesiódica. Os próprios nomes das secções deste texto elucidam o desenvolvimento do argumento de Boys-Stones: «Plato Historicus», «Hesiod Eristicus», «Plato Dialecticus» e «Plato Eroticus».

Glenn Most, autor do texto intitulado «Plato's Hesiod: An acquired taste?» – e também tradutor da obra hesiódica para a edição da Harvard University Press/Loeb Classical Library (2006) – propôs-se examinar o desenvolvimento da atitude platónica perante Hesíodo ao longo da vida do filósofo ateniense. Platão surge como um dos poucos autores helênicos que permite este estudo, dado que é dos poucos com registo de interesse continuado em Hesíodo. Apesar das dificuldades encontradas, relacionadas com a ausência do personagem Platão nas obras platónicas e com a cronologia dos seus escritos, Most pôde assentar algumas bases para o acautelado argumento de que foi apenas no contexto das investigações onomásticas relacionadas com o *Crátilo* e, mais ainda, no decurso das pesquisas sobre a justiça da *República* que Platão estudou Hesíodo mais intensamente, momentos a partir dos quais se vai afastando da *Teogonia* e crescentemente valorizando *Trabalhos e Dias*.

No capítulo seguinte, Naoko Yamagata compara as relações intelectuais de Platão com Hesíodo e Homero, dado que ambos os autores da época arcaica são abundantemente referidos na obra platónica, ainda que sem qualquer hierarquização explícita entre eles. O Autor sustenta a diversidade de tratamento das heranças culturais hesiódica e homérica numa hermenêutica localizada em determinadas passagens das obras homérica, hesiódica e platónica, concluindo, por exemplo, que «they tend to be quoted by different speakers and for different reasons: in the *Symposium*, the *Charmides*, the *Lysis*, the *Protagoras*, and the *Republic*, Hesiod is invoked to prop up epideictic arguments of a dubious nature. Homer, too, may be used in this way (*Republic*), but there is a marked tendency in some dialogues to contrast the “sophistic” use of Hesiod with a more Socratic use of Homer (e.g. *Lysis*, *Protagoras*)» (p. 87).

Hugo Koning, cujo resultado da sua investigação se intitula “Plato’s Hesiod: not Plato’s alone”, argumenta que Hesíodo foi visto por Platão essencialmente como autor de contos perniciosos, como pensador de cosmologia de pouco valor, como homem de invejável sabedoria e, finalmente, como cidadão decente, o que, para Koning, não resultou apenas do «génio» platónico, mas derivou em muito da visão tradicional de Hesíodo na época de Platão. De certo modo polémico, Koning submete a capacidade hermenêutica de Platão ao contexto cultural da Atenas clássica, especialmente à leitura sofística de Hesíodo. Também Barbara Graziosi no texto seguinte («Hesiod in classical Athens: Rhapsodes, orators, and Platonic discourse»), investigando o lugar de Hesíodo na Atenas clássica, especialmente as execuções de rapsodos e os discursos públicos, demonstra que Platão citou e discutiu maioritariamente os temas populares de Hesíodo, aqueles que interessavam aos contemporâneos de Platão, questionando a sua autoridade designadamente em matéria educacional. A análise desta Autora centrou-se em passagens selectas da obra hesiódica (*Op.*, 311, 383-392 e 763-764). A fechar a primeira parte da obra, Andrew Ford preocupou-se em conhecer a razão pela qual Platão cita *Trabalhos e Dias* catorze vezes e a *Teogonia* apenas uma. A resposta, de forma similar às investigações de Hugo Koning e Barbara Graziosi, parece ter sido contextual, i.e., os *Trabalhos e Dias* parecem muito mais importantes para Platão do que a *Teogonia* porque as duas obras de Hesíodo, «os dois Hesíodos», tiveram diferente recepção na vida cultural da Atenas clássica, ainda que o autor reconheça Platão como «one of the subtlest readers of his time» (p. 153).

A abrir a segunda parte desta colecção de textos da *Plato and Hesiod Conference* de 2006, está o texto de Vered Lev Kenaan intitulado «The seductions of Hesiod: Pandora’s presence in Plato’s *Symposium*». Começando por questionar o modo como Platão constrói a relação entre autores e textos no *Banquete*, Lev Kenaan fundamenta a leitura de que Hesíodo teve um papel crucial no *Banquete* como fonte de inspiração para o retrato de Sócrates na transformação do mito hesiódico de Pandora num acontecimento filosoficamente inspirador, num claro modelo de «intertextualidade como genealogia erótica» (p. 174). Indo mais longe, V. Lev sustenta que o mito de Pandora deu forma ao carácter de todo o *Banquete* platónico.

Levando a cabo uma investigação localizada, no texto denominado «“Hesiod’s races and your own!»: Socrates’ “Hesiodic” project», Helen Van Noorden estuda a questão da importância das raças hesiódicas na *República* platónica, argumentando que o uso socrático das raças de

Hesíodo não são simples gestos de simpatia intelectual, antes servindo a Sócrates para apresentar um projecto educativo a Gláucon e a Adimanto. Por outro lado, através do uso socrático das Musas de Hesíodo, tornado filosofia, Platão mostra ter interesse pela mundivisão hesiódica, como etapa de uma tomada de consciência epistemológica ao serviço do progresso e em direcção a uma suposta «verdade ética» (p. 199). Esse interesse platónico, segundo a Autora, teve um ulterior desenvolvimento no *Político*. O texto de Dimitri El Murr da presente obra («Hesiod, Plato, and the Golden Age: Hesiodic motifs in the myth of the *Politicus*») propõe semelhante investigação, mas agora dedicada à influência de Hesíodo no mito platónico da Idade de Cronos do *Político*. No entanto, o Autor precisa que o seu objectivo não foi apenas pesquisar acerca da presença de Hesíodo no *Político*, mas sim investigar como Platão recepcionou o que era no seu tempo a estória tradicional acerca da vida e do reino do mítico Cronos. Para tal, El Murr analisa o percurso daquele mito desde Hesíodo até ao período da Comédia Ática. A conclusão mais rotunda de El Murr é que a Idade de Cronos, apesar de ter sido introduzida nas *Leis* para mostrar um regime político liderado pela inteligência (*nous*), no *Político*, nada é dito acerca do *nous* aquando da introdução do referido mito. Ou seja, o Autor sustenta que as apropriações do mito hesiódico da Idade de Cronos nas *Leis* e no *Político* são divergentes. No texto intitulado «On grey-haired babies: Plato, Hesiod, and visions of the past (and future)», Christopher Rowe abandona a perspectiva genética abrangente de El Murr. O Autor centra-se no próprio texto do mito hesiódico e nas passagens do *Político* que a ele se referem, ou seja, a perspectiva de Rowe é menos de transmissão cultural continuada do que uma leitura de contraste dos mitos de Hesíodo e do *Político* platónico. Apesar da trama argumentativa nem sempre resultar clara neste texto, Rowe consegue apresentar a sua leitura do mito da Idade de Cronos, na qual vê uma subfase de ligação com o período do governo de Zeus, argumentando subseqüentemente que a versão platónica deste mito mantém várias ambiguidades hesiódicas, com o objectivo de criticar a pretensa superioridade de alguns Atenienses.

Os textos de Andrea Capra, E. E. Pender, David Sedley e Mario Regali dirigem-se maioritariamente às ligações do *Timeu* platónico com a obra de Hesíodo. No texto «Plato's Hesiod and the will of Zeus: Philosophical rhapsody in the *Timaeus* and the *Critias*», a investigação estende-se também ao *Critias*, em ambos os casos recorrendo a confrontações significativas. Começando por demonstrar a magnitude de reescrita platónica do património mítico-épico, o Autor prossegue para a recepção da

justiça de Zeus e para os elementos estruturantes do *Crítias* e do *Timeu*. A ênfase platónica na verdade, segundo Capra, resulta de influência da *Teogonia* e, tanto em Hesíodo como em Platão, a vontade de Zeus põe fim à Idade Heróica através de uma guerra e de uma catástrofe natural. Alargando a análise ao *Catálogo*, o Autor interroga-se também acerca da apropriação do modelo gâmico no *Timeu* e no *Crítias*. E. E. Pender, no texto «Chaos corrected: Hesiod in Plato's creation myth», compara as figuras primordiais da *Teogonia* com os primeiros elementos cósmicos referidos no *Timeu*, concluindo que Platão acaba por seguir a *Teogonia* ao fazer da linhagem o motivo dominante da sua cosmologia. Pender discute ainda a recriação platónica das Musas no *Timeu*. Em «Hesiod's *Theogony* and Plato's *Timaeus*», David Sedley propõe uma leitura cruzada do *Timeu* platónico e de Hesíodo, tentando reconhecer em ambos os *loci* uma «agenda comum» de representação do real cosmológico, ou seja, a pesquisa foi aqui dirigida a isomorfismos intelectuais de Hesíodo e do Platão do *Timeu*.

Finalmente, na secção «Hesiod in the *Timaeus*: The Demiurge addresses the gods», Mario Regali foca a investigação no discurso sobre o Demiurgo do *Timeu*, argumentado haver uma transferência significativa da concepção do Zeus hesiódico para o Demiurgo de Platão, através duma linguagem tida por superiormente sofisticada.

O volume apresenta assim um conjunto de textos que ajudam a compreender importantes temas da obra platónica, recorrendo com frequência à abordagem comparada como instrumento de revelação das formas de recepção de Hesíodo na Atenas clássica. No entanto, parece-nos que o livro será mais importante do ponto de vista da história da recepção de Hesíodo do que como obra exegética de Platão, i.e., dá um maior contributo aos estudos hesiódicos do que à hermenêutica do *corpus* platónico, para a qual terão de confluír necessariamente diversas perspectivas e modos de análise, o que não significa qualquer invalidade do livro para os estudiosos de Platão. Porém, o largo objectivo desta edição, que era promover o estudo da recepção de Hesíodo «no período compreendido entre a consolidação do cânone arcaico e o advento da poesia helenística» (p. 2) acaba por se confinar a limites mais realistas, dedicando-se quase exclusivamente à recepção de Hesíodo em Platão. Aliás, o título do livro era desde logo esclarecedor. De acordo com a qualidade habitual da Oxford University Press, a obra termina com uma bibliografia e dois índices, um temático e onomástico e outro com os *loci* citados.

João Paulo Galhano